ESTUDO ETHNOGRAPHICO

A PROPOSITO DA

Ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Alumno da Escola Medica do Porto

PORTO

EMPREZA DO JORNAL D'AGRICULTURA—EDITORA

132, C. dos Martyres da Patria, 132

1881

Estudo ethnographico

OBRAS DO MESMO AUCTOR

POESIA:

Poema da alma,—Porto, 1879.
Paradisus valuptatis,—ib., 1879.
A consciencia dos seculos,—ib., 1880.
Carmen sœculare,—ib., 1880.
A estatua de Camões,—ib., 1881.
Rimas Portuguezas,—ib., 1881.
A Victor Hugo,—ib., 1881.
A' Galliza,—ib., 1881.
Balladas do Occidente,—(em preparação).

Camoneana.

TRADIÇÕES POPULARES:

Romances populares portuguezes,—(em publicação).
Fragmentos de Mythologia Pop. Port., — Porto, 1881.
Tradições Populares de Portugal, — (em via de publicação).

PUBLICAÇÕES PERIODICAS:

Cancioneiro Portuguez, —(de redacção com Ernesto Pires), 1879-1880.
O Pantheon, — (de redacção com Mont'Alverne de Sequeira),—Porto, 1880-1881.

ESTUDO ETHNOGRAPHICO

A PROPOSITO DA

Ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Alumno da Escola Medica do Porto

PORTO

EMPREZA DO JORNAL D'AGRICULTURA—EDITORA

132, C. dos Martyres da Patria, 132

MCCCXX

Porto: 1881—Typ. de Fraga Lamares

AO SENHOR

DR. F. MARTINS SARMENTO

Or và, che un sol volere è d'ambedue:
Tu duca, tu signore e tu maestro.

(DANTE, — Inferno, c. II, v. 139-140).

Eu te honro, douto mestre, doce amigo.

(A. FERREIRA, — Poem. Lus. ed. 1829, p. 102).

Que quem não sabe a arte, não na estima.

(CAMÕES, — Os Lusiad. c. V, est. 97).

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/estudoethnograph00vasc

Por occasião de me occupar da colheita das tradições populares de Portugal, tive ensejo de observar a, ás vezes extraordinaria, ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias do Minho e Douro; e, pedindo informações aos lavradores, recolhendo desenhos e comparando-os, cheguei a convencer-me de que alguns d'esses ornatos não são mais do que o ultimo reducto a que se abrigaram muitas crenças pre-christãs dos nossos antepassados.

Não me consta que nenhum escriptor antigo ou moderno haja nunca alludido a isto. A pimeira vez que eu o fiz foi em 6

de Julho de 1880 numa noticia bibliographica do n.º 5 do *Boletim* do meu *Cancioneiro Portuguez;* depois nuns artigos sobre *Tradições populares,* publicados na *Vanguarda* e na *Aurora do Cavado;* e ultimamente a pag. 133 da minha revista litterario-scientifico *O Pantheon.*

Tanto a Arte como a Ethnographia encontram nos jugos e cangas muitos materiaes interessantes. E' porém dos factos ethnographicos que o presente opusculo se occupa, — apenas como simples tentativa, que será proseguida e mais tarde ampliada.

Porto, Maio de 1881.

ESTUDO ETHNOGRAPHICO

I

Populações nómadas portuguezas. Caracter agricola do paiz, demonstrado na área cultivada, na antiguidade do conhecimento da lavoura (desde os tempos prehistoricos até aos modernos), nas tradições campestres (superstições e litteratura popular) e no culto do boi.

A'parte alguns pontos quasi insignificantes, como o Suajo (1) e a Serra da Estrella (2), onde existem uns pequenos povos pastores-nomadas, Portugal é um paiz es-

---

(1) *Banhos de caldas e aguas mineraes*, de R. Ortigão, pag. 38

(2) A respeito dos nomadas da Serra da Estrella, lê-se num opusculo o seguinte: «Muitos milhares de cabeças de gado lanigero, não só das povoações situadas na raiz da Serra, mas de outras mais distantes, procuram alli nos mezes de verão as pastagens que só então lá se desenvolvem, e que fallecem na terra chãa (como alli se chama o que não é Serra)... constituem os gados um

sencialmente agricola. Nos 8.962:529 hectares da sua superficie continental, 4.642:000 são cultivados (3) e produzem com abundancia milho, centeio, cevada, trigo, arroz, legumes, batatas, linho, castanhas, azeite, vinho, etc.

Esse caracter agricola vem já de longe.

Pelos estudos da archeologia prehistorica, sabe-se que os primeiros habitantes do territorio hoje Portugal eram rudes selvagens, servindo-se de instrumentos de pedra lascada e de osso, luctando com as feras, habitando em grutas e cavernas (4), e talvez anthropophagos (5). No periodo da *pedra-polida,* immediato ao da *pedra-lascada,* a civilisação dá um grande passo,

---

ramo consideravel da riqueza d'estes povos, que se acham, por esta razão, mais proximos do estado natural.» (*As Alagoas da Serra da Estrella*, por A. A. Castanheira, Lisboa 1836, pag. 17) Cf. as lendas luzitanas do pastor Viriatho. Os pastores da Estrella andam no inverno cobertos de pelles,—como varios povos barbaros, por exemplo os germanos (Tacito,—De *mor. germ. XVII*).

(3) *Geogr. estatist.* por A. G. Pery, Lisboa 1875, pag. 95.

(4) Delgado, — *Grutas de Cezareda;* Philippe Simões, — *Introd. á Arch. da Pen. Iberica.*

(5) Delgado, — ib. A anthropophagia dos nossos avós foi um dos assumptos do Congresso Anthropologico e Archeologico realisado em Lisboa em 1880.

e começa a apparecer uma perfeição maior na arte, levantam-se os dolmens, e surgem os primeiros, ou, pelo menos, os mais importantes indicios da vida agricola. Na estação neolithica de Liceia appareceram ossos de bois, cabras ou carneiros, e porcos, e havia alli com certeza animaes domesticos; apesar de que nada nos prove ter lá existido a agricultura, o sr. Carlos Ribeiro suppõe, por inducção, que os habitantes liceienses possuiriam alguns rudimentos d'esta arte (6). Comtudo, o mesmo illustre geologo escreve: «parece-nos poder affirmar qne os homens do fim da *pedra polida,* que dominavam no nosso solo, e levantaram os dolmens dos districtos adjacentes a Lisboa, não só conheciam a arte de domesticar os animaes, como já faziam uso da alimentação vegetal e principalmente de fructas.» (7)

Na Citania e Sabroso (Minho), segundo me informa o sabio archeologo e meu amigo o sr. dr. Martins Sarmento, tem apparecido muitas mós de moinhos, analogas a outras que eu vi nas ruinas de Guifões (concelho de Bouças, districto do Por-

---

(6) *Noticia de algumas estações e monumentos prehist.*, I, Lisboa 1878, pag. 67.

(7) Ib. ib.

to). Em Sabroso appareceu tambem uma pedra muito concava e muito polida interiormente, e que, por ser egual á que vem desenhada num livro do sr. Joly (8), parece ter servido de moinho, posto faltar-lhe o rebolo de moer, o que não acontece nesta ultima. E' certo que na villa de Mondim-da-Beira (Mondim-das-Meias) as mulheres, para fazerem uma especie de papas, a que lá chamam *milhos,* costumam triturar o milho num moinho de mão egual ao de Joly, como eu fui testemunha innumeras vezes.

Ainda que unicamente da descoberta de moinhos antigos não devamos concluir que era conhecida a agricultura aqui, porque o mesmo sr. Sarmento diz-me em carta de 10 de Março de 1881 que na Citania se encontram vulgarmente *landes torrificadas,* e Strabão affirma dos Lusitanos, *Montani duobus anni temporibus glande vescuntur querna, siccata et contusa, inde molentes atque e farina panem conficientes* (9), — e então esses moinhos podiam servir para moer as landes e não para moer os cereaes, — todavia, Justino

(8) *L'homme avant les metatux,* Pariz 1879, pag. 185.

(9) Ed. Didot, Paris 1850, pag. 128.

escreve que, emquanto os homens lusitanos se entregavam á guerra, as mulheres cultivavam os campos (10). Nas regiões do Ancora (Minho) é raro os homens occuparem-se da agricultura, modernamente; tudo é mulherio. Os homens vão para a *borda d'agua* (costa maritima até Lisboa), uns trabalhando de pedreiros, outros de estucadores, etc. Noutros pontos do paiz as mulheres ajudam frequentemente os homens na lavoura, como tenho presenciado nas serras da Beira-Alta, etc.

Do proprio texto de Strabão constam duas civilisações lusitanas bem caracterisadas: a dos montanhezes e a dos da planicie. Aquelles *victu utuntur tenui, aquam bibunt, humi cubant;..... Maxime cipos edunt,* (11) Estes, os da planicie, possuiam uma agricultura, que foram obrigados a abandonar para se defenderem contra as invasões dos primeiros (12), unctavam-se com um oleo (os ribeirinhos do Douro) e serviam-se de vasos aquecidos com pedras em brasa (13), processo identico a outros de muitos povos, e a um por-

(10) Lib. LXIV, III, — como mais tarde Tacito diz dos Germanos. (De mor. Germ., XV).
(11) Strab. lib. 3.º, p. 128.
(12) Id. ib. p. 127.
(13) Id. ib. p. 128.

tuguez moderno, que consiste em amornecer com um carvão acceso ou pão torrado um copo de agua *(agua panada* ou *ferrada.)* Os *montani* do geographo grego representariam, pois, na escala do progresso, um degrau muito atrasado, devido *non tantum a bellis...., sed et ob remotam ab aliis habitationem* (14), como hoje succede, por exemplo, com alguns serranos da Beira-Alta, que vestem calção de saragoça (já raramente), risa (especie de casaca curta) e capucha (manto singelo, com uma dobra em cima para metter a cabeça),—trajos em parte desconhecidos, em parte quasi desusados nos povos da ribeira (15). Estes serranos, apesar de se dedicarem á agricultura, devem uma grande fonte de riqueza ao gado lanigero.

As lendas peninsulares, recolhidas pelos escriptores d'outr'ora, confirmam-nos a antiguidade da agricultura no nosso solo.

Na infancia dos povos vêem-se a cada passo personagens mythicos ensinando as praticas da vida, como na America, Egypto, Grecia, Italia.

Assim, Justino, fallando dos bosques

---

(14) Strabão. ib. ib. p. 129.

(15) Na Beira-Alta divide-se a população em *serra e ribeira.* No Minho, ao pé de Briteiros, ha *os da planicie* e os *montanhões.*

dos Tartessos, habitados pelos Cunetes, diz do rei: *quoque rex vetustissimus Gargoris, mellis colligendi usum primus invenit* (16); de Habidis, filho de Gargoris, heroe cuja vida tem paradigmas noutros paizes e nos contos populares portuguezes (17), narra o mesmo historiador: *boves primus aratro domari, frumentaque sulco quærere docuit, et ex agresti cibo mitiora vesci* (18), á maneira do *Promâtheus* ou *Prometheu* da civilisação grega.

Deixando o periodo pre-romano da Luzitania, sabe-se que era por meio de escravos que os Romanos cultivavam as terras (19); e a influencia d'este povo fez-se sentir largamente nos nossos costumes, em todos os sentidos. Segundo o sr. A. G. Pery, os processos de cultura e vinificação em alguns pontos do paiz conservam

---

(16) Lib. LIV, — IV.

(17) Vid. a nossa *Cosmogonia pop. port.* in *Vanguarda*.

(18) Ib. ib. Habidis parece representar a introducção de uma nova civilisação. O sr. Jubainville suppõe como provavel aqui a acção dos Ligures. (*Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 36). O que parece certo é serem os Ligures um povo indo-europeu, e constituir a agricultura um dos caracteres da raça aryana.

(19) Herculano, *Hist. de Port.* I, pag. 40.

ainda o cunho dos processos romanos (20).

Depois da invasão dos Barbaros, a Hispanha veria a principio um pouco decahida a sua prosperidade agricola; mas no Codigo Wisigothico estabelece-se uma quasi completa legislação agraria (21), e as tradições dão-nos Wamba como um rei lavrador. Esta lenda de Wamba achamo-la repetida noutras partes, no facto fundamental, — uma vara florescendo instantaneamente (22);—no emtanto, o que nos importa notar é a circumstancia do *meio* agricola.

O dominio arabe não podia ser, nem foi, funesto aos campos.

Os monumentos da Alhambra e a bella civilisação do Algarve bastavam para apagar os feios traços com que os nossos chronistas, despoticamente catholicos, nos pintam os crentes do Islam, se a Historia não declarasse o que os reis arabes fizeram a bem da agricultura (23), e se ainda

---

(20) *Geogr., estat.*, pag. 120.

(21) *Memor. sobre a popul. e agric. em Portugal até 1865*, por L. A. R. da Silva, Lisboa 1868, pag. 8.

(22) Vid. a nossa *Myth. Botanic* in n.º 35 *a* da *Vanguarda*.

(23) Rebello da Silva, ib. pg. 9; Conde, pag. 489-96, tom. I.

certas palavras como *nora* (noria), *açude* (as-sod), *alqueire* (al-cayl), *a'mude* (almod), etc., não patenteassem o caracter civilisador d'esse povo semita

Estabelecida a monarchia por D. Affonso Henriques, a agricultura, não obstante soffrer muitos contras com as doações á Egreja, as instituições dos morgados, a creação dos exercitos permanentes, as expedições maritimas, a dissolução produzida pelo ouro de além-mar, a expulsão dos Judeus, o grande numero de frades ociosos, a inquisição destruindo as familias, os jesuitas desviando a actividade do povo para o rosario, as grandes pestes assolando o paiz, as guerras frequentes, etc. — teve muitos momentos de paz e verdadeiro progresso. Os historiadores dão a Sancho 1.º o epitheto de *Povoador*. D. Diniz chamava *nervos da republica* aos lavradores (24), e d'esse rei, *que fez tudo quanto quiz*, cantam Antonio Ferreira (25) e Luiz de Camões (26).

Assevera Fernão Lopes que no tempo de Pedro «o Cru» foi necessario fazer uma lei para que os particulares recolhessem a

---

(24) Faria e Souza,—Epitome, P. III, cap. 7.
(25) *Poemas lusitanos*, Lisboa 1826. t. II, p. 168.
(26) *Os Luziadas*, c, III. est. 96.

palha (27), tão abundante era ella que a desprezavam. Até ao reinado de D. Fernando vinham os estrangeiros prover-se do nosso pão (28). Em 1635 introduziu-se o cultivo da laranja e do milho grosso (29), duas boas fontes de receita. Depois são bem conhecidos os actos dos governos em favor da agricultura, — posto que pudessem ser mais fecundos, — para termos de insistir sobre isso.

*

No paiz ha um verdadeiro culto pelas cousas do campo. Os montes, as varzeas, as margens dos rios acham-se povoadas de templos, e em alguns pontos, como no Minho, o branquejar das torres, entre as massas compactas da verdura, dá á paisagem um bello effeito artistico. Em Maio fazem-se ladainhas aos campos para as sementeiras produzirem. Numa *Prática* de exorcismos ensina-se, por occasião da benção dos ter-

---

(27) Apud. *Memor. hist. sobre a agric.* por Alvares da Silva. no vol. V da *Memor. econom. da Ac. R. das Sc. de Lisboa.*

(28) Vid. o *Antiquario Conimbricense* n.º 5, p. 38-39.

(29) *Memor. hist.* de Alvares da Silva. vol. V, p. 242.

mos, a seguinte fórmula: «— Benedictio Dei Patris Omnipotentis + Filii + & Spiritus Sancti + descendat & maneat super agros, vineas, & fructus — » (30). No S. João, antes de o Sol nascer, enramalham-se as *novidades* por causa do bicho. Na noite do mesmo Santo, quem quizer que as fôrças productoras do campo do visinho venham para as d'elle, monta num cambão, atravessa assim o campo visinho em direcção ao proprio campo, e diz:

Aqui vou neste cambão
Na noite de S. João,
P'ra trazer atrás de mim
Pipas de vinho e carros de pão.

Segundo outra versão, monta-se tambem num cambão de sete chavelhas (sete buracos para chavelhas), fustiga-se asperamente ao atrevessar a propriedade do visinho, e diz-se:

Vae boi, vae vacca,
Esta terra é fraca.
O renovo que ella der
Cahirá na minha arca.

Dito isto, o homem do cambão péga

(30) Trad. pelo P.e Rodrigues, — Coimbra 1694 p. 357.

num malho e vae dar tres pancadas nas mêdas de centeio que o visinho tem na eira. O centeio das mêdas *cae-lhe na arca*. (31).

As hervas no S. João estão abençoadas (32). Nas fontes, penedos, outeiros, grutas e poços habitam *Mouras encantadas*, cujos thesouros não serão certamente senão os thesouros naturaes da terra (33).

No seculo XVI, ia á egreja de S. Miguel de Creixomil, situada em meio de campos, termo de Guimarães (e actualmente reedificada), uma procissão durante a qual se cantavam estes curiosos versos:

S. Miguel de Creixomil,
Dainos favas e perrexil.
Castaninhas temolas nós.
Snr. Deos, ouvinos a nós.
Santiago és,
Que de Christo Apostolo és,
Madalena, rogo a vós
Que rogueis a Ds. por nós (34).

---

(31) No Minho, — segundo me informa um meu amigo.

(32) Vid. a minha *Mythologia Botanica*, in Vanguarda, n.º 51.

(33) Vid. os meus *Fragmentos de Mythologia Popular Portugueza*, — Porto, 1881, 14 pag., I *As Moiras*.

(34) Estes versos acham-se a fl. 144 de um Ms. archivado na Bibliotheca Publica do Porto,

Nenhum lavrador começa a lavrar, sem se benzer primeiro (35). Em Cabeceiras de Basto, ao terminarem as sementeiras, resam um P. N. e dizem:

S. Frituoso,
Milagroso,

porque o santo (S. Fructuoso) faz nascer bem os *fructos*. Em S. Martinho de Guifões, concelho de Bouças, dizem na mesma occasião:

Deus te ponha a virtude
E em nós a saude.

---

sob o n.º 527, com o titulo de *Memorias Ressucitadas da antigua Guimarães*, pelo P.e Torquato Peixoto.

Tambem foram transcriptos a pag. 7, ed. de Lisboa de 1706, da *Corografia Portugueza* do P.e Carvalho da Costa, o qual traz muitos periodos exactamente eguaes aos do Ms., — facto que nos leva a suppor que este A. copiou d'aquelle. O Ms. do P.e Torquato data de 1692 e foi impresso no Porto em 1845, mas os versos a que nos referimos sahiram incorrectos nesta edição.

Os mesmos versos já os tinhamos tambem publicado na *Aurora do Cávado*.

(35) Paços de Ferreira, Paredes, Maia, etc. Em geral o povo benze-se ao começar o serviço, e reza *pelas alminhas* ao acaba-lo.

Acredita-se que, collocando fel de boi dentro de um pucaro de barro, e enterrando-o de noite numa seára de painço, os passaros não molestam o painço. Depois de enterrado, anda á volta do campo o homem ou mulher, em fralda de camisa, como um sacerdote com tunica, a dizer:

Passarinhos, deixae o meu painço,
Que tem fel!
Ide para o monte,
Que tem mel!

Quando chega o tempo da ceifa, torna lá a mesma pessoa, em egual disposição, a tirar o fel; se o não tirasse, o painço ficaria amargoso (36).

Para livrar o campo de qualquer acção malévola, atira-se-lhe com tres pitadas de sal, e diz-se:

Trista, com trista,
S. João Evangelista,
De redor d'este renovo assista.
P'raque, se alguma bruxa ou feiticeira
O quizer levar,
Ha-de *(sic)* contar as estrellas do ceu
E as areias do mar

(36) Vid. as minhas *Tradições Portuguezas*, I na *Aurora do Cávado*.

Com a cabeça p'ra o chão
E as pernas para o ar:
E com este sal ha-de apanhar (37).

Tambem nas vessadas da Beira-Alta costumam os trabalhadores eleger um *rei* que é quem manda pegar e despegar do serviço. Diz o *rei:*

Comam e vamos,
Limpem as barbas,
Atem os pannos.

Estas superstições do campo continuam-se no enfornar e no amassar do pão, para o que se recitam varias formulas, como:

S. Vicente
Te acrescente;
S. Levede
Te levede;
S. Freigil
Te faça vir;
S. Abrahão
Te faça pão:
E nós a comer
E tu a crescer.
Tudo Deus
Póde fazer.

(Vouzella).

---

(37) No Minho, — segundo me informa um meu amigo.

Não se deixa cahir o pão ao chão, porque é pecado; mas, se acontece cahir, beijam-no ao levanta-lo.

Além do que deixamos dito e que se refere immediatamente ás cousas do campo, existem muitos outros factos tendentes a patentear o caracter profundamente agricola e domestico das nossas populações.

Nas lendas pias abundam allusões campestres. A's vezes é o proprio J. Christo que apparece ao povo, como se vê do seguinte romance por mim recolhido de Rezende, na Beira Alta:

Vindo o labrador da arada
Encontrou um probesinho,
E o probesinho le disse:
—Leba-me no teu carrinho.»
O labrador o lebou
P'ra a melhor sala que tinha,
Mandou-le fazer a ceia
De capão e mais gallinha;
O probesinho não comia;
Mandou-le fazer a cama
Da melhor roupa que tinha,
Por baixo, lençoes de renda,
Por riba, cambraia fina.
Lá pela noite adeante
O probesinho gemia:
Lebantou-se o labrador,
Foi ver o que o probe tinha:
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina,
E o probesinho le disse:
—Aprompta-te, labrador,

Stá tua hora chigada;
Lá no reino da gloria
Stá tua alma salvada.»
Gloria ao Padre,
Gloria ao Filho,
Gloria ao Sprito Santo
P'ra sempre Amen Jesus.

A parte da litteratura popular onde a lavoura se acha caracteristicamente representada são os adagios e as adivinhas:

A chuva no S. João
Bebe o vinho e come o pão.

Maio pardo,
Junho claro,
Fá-lo labrador honrado (38), etc.

As adivinhas ou téem por assumpto quasi exclusivo as cousas do campo e da casa, ou tomam mesmo para ponto de comparação essas cousas (39), por ex.:

Campo branco,
Semente preta,
Cinco bois
A uma chavelha,

---

(38) Apud a minha *Paremiographia Portugueza*, n.os 88 e 120, in *Justiça Portugueza*.

(39) Vid. um artigo meu a pag. 214—215 do *Pantheon*.

onde o *campo* é o papel, a *semente* a areia, os *bois* os dedos, e a *chavelha* a penna de escrever. O ceu recamado de estrellas ou toldado de nuvens, acha identica representação.

Eis uma adivinha, ouvida por mim a gente de Villa-Real, e que tem variantes, a qual apresenta um pequeno quadro da vida campestre:

Debaixo do pingue-lhe, pingue-lhe,
Estava o dorme-lhe, dorme-lhe;
Vêu o corre-lhe, corre-lhe
Morder o dorme-lhe, dorme-lhe;
E vêu o pingue-lhe, pingue-lhe
Acordou o dorme-lhe, dorme-lhe;
Foi o dorme-lhe, dorme-lhe,
Matou o corre-lhe, corre-lhe.

Era um homem a dormir debaixo de um castanheiro; veiu uma cobra na occasião em que cahia uma castanha, que acordou o homem; este matou a cobra.

A proposito, porém, das tradições do campo, ainda não fallámos do verdadeiro heroe de tudo isso, do centro em volta do qual ellas se movem, como as rodas do carro em torno ao eixo; ainda não fallámos do boi.

O boi é o maior amigo do lavrador, o objecto dos cuidados da casa, e que tem

um aspecto veneravel, inteiramente sagrado.

A quem for na companhia dos bois, não acontece mal nenhum; nem as feiticeiras entram com elles.

Quando se lançam as sementes á terra, chega-se ao focinho do boi a cesta que as contém, para este as bafejar, e a sementeira produzir (40), como se o boi fosse o Sol que com o calor fecunda os campos.

Quando se entra no estabulo de uma vacca parida (ou na casa de uma mulher nas mesmas condições) deve dizer se: *benza-te Deus!* (Paços de Ferreira), exactamente como se diz á Lua-Nova.

Quem soffre do *tizorelho,* põe no proprio pescoço o jugo quente do boi (Famalicão, Guifões). Em Guifões dizem então:

Tizorelho
Vae-te d'aqui,
Que bois e vaccas
Cangam aqui.

Até o excremento (bósta) do boi serve para barrar as portas dos fornos (Minho, Douro, etc.) Estas portas (pequenos quadra-

(40) Paredes, Guimarães, etc. O povo explica, affirmando que o bafo bovino é santo por ter bafejado o menino Jesus no presepio.

dos de pedra) téem uma cruz gravada por fóra.

Nos melanciaes espeta-se um páo muito alto, com um chifre de boi (e ás vezes uma cruz ou caveira de burro), na extremidade, para afugentar os máos olhados (41), etc. (Paredes, Ucanha, Maia). O chifre, que é nas diversas mythologias e religiões o symbolo da força, a ponto de se verem muitos reis e divindades com elles, desempenha um grande papel nas nossas tradições populares. Figura numa festa que se faz na Beira-Alta a S. Martinho, noutra festa que se faz ao cuco em Famalicão, noutra que se faz a S. Cornelho (segundo o *Almanak de Lembr.)* etc.

Não são os chifres os unicos guardas dos productos da terra. Na Beira-Alta costumam pendurar nas arvores um *espantalho* (nome popular local), mônо de palha representando um homem, e que exerce as funcções de um deus *Terminus*.

O boi vae em muitas festas, como em

(41) Estes chifres fazem lembrar as divindades campestres representadas com elles. Seria curioso que essas divindades, ao serem expulsas do Olympo da crença popular, deixassem apenas ficar as pontas.—Todavia o chifre tambem é pendurado noutras bandas, como nas casas e nas cabeças dos machos.

Braga no S. João (*boi-bento*), Penafiel, Basto, etc. Em Alter-do-Chão entra na egreja o *boisinho de S. Marcos*, a que os *emprezadores* (irmãos de S. Marcos) dizem, ao bater-lhe com umas varinhas:

Entra, Marcos,
Em louvor do Sr. S. Marcos.

O boi chega até ao altar-mór. Depois da festa, offerecem-se ao santo muitos bezerros que tambem fazem a sua entrada no templo (42).

*

Do facto de termos apresentado essas tradições, não se segue que as consideremos autochtonas ou com a mesma origem. As tradições populares são em geral antigas e muito espalhadas. A assimilação d'ellas aos costumes do nosso povo é que demonstra, como queriamos, o caracter agricola d'este.

---

(42) Vid. o *Alm. de Lembr.* para 1858, pag. 369, e o jornal lisbonense *O Seculo* n.º 95 de 30 de Abril 1881.

II

Classificação e geographia dos jugos e cangas dos bois.

Pelos desenhos e informações que tenho recebido, bem como pelos factos pessoalmente observados, posso concluir que os jugos e cangas dos bois, com a ornamentação que se vê no Porto e arredores, não existem (ao menos geralmente) na Beira-Alta, Traz-os-Montes, Alemtejo Extremadura, e mesmo no Minho e Douro nos pontos muito longe da costa maritima. Do Algarve ainda não pude obter relação certa.

Os lavradores do Minho e Douro distinguem *jugos* e *cangas*, mas ás vezes (raramente no que tenho presenciado) confundem as duas designações.

1) Cangas. Ha muitas variedades. Predominam as fórmas da fig. 1.ª As cangas são mais baixas do que os jugos, e sobresaem no meio em fórma de trapesio. O trapesio saliente, que costuma ser isosce-

les, desapparece na fig. 2.ª, estando os lados obliquos representados por duas curvas. Ás vezes a linha que contorna as cangas offerece ligeiras ondulações.

2) Jugos. Os jugos affectam a fórma trapesoide; mas ás vezes o trapesio desapparece, ficando o lado parallelo á base substituido por uma curva (fig. 3.ª) ou por um angulo (fig. 4.ª). Os lados obliquos são ordinariamente ondulados (fig. 3.ª, 4.ª e 5.ª).

*

Tanto os jugos como as cangas são ás vezes na parte superior coroados de cabellos (fig. 6.ª, etc.), em fórma de pincel, dando-se ainda ás vezes o caso de os pinceis, na série, alternarem em côr branca e preta.

No corpo dos jugos e cangas observa-se a seguinte ornamentação: figuras humanas, quadrupedes, aves, peixes, corações, astros, flores, arvores, ramos, circulos isolados, circulos concentricos, a custodia, a hostia, signo-samão (ou só, ou tendo no meio um circulo, ou estando elle dentro de um circulo), cruzes, varias figuras geometricas (rectas, losangos, angulos, etc.), e uma infinidade de figuras mais, nem sempre classificaveis. Tudo variado.

Nos jugos e cangas de outras provin-

cias, como na Extremadura e Beira-Alta, ha unica e isoladamente ou uma cruz ou um signo samão

Todos os jugos e cangas são abertas, já para enfeite, já para nas aberturas se prenderem correias que as segurem aos bois.

Os ornatos differem segundo a localidade. Assim por exemplo:

a) as figuras geometricas (angulos, etc.) predominam no Minho;

b) as cruzes com o signo-samão e rodas formadas de meias-luas predominam no Porto (vid. fig. 7.ª);

c) os ramos phantasticos, muito bem gravados, e com poucos dos ornatos que adeante chamamos symbolicos, predominam em Vallongo;

d) os peixes predominam á beira-mar. Os animaes predominam em geral perto da praia (vid. fig. 8.ª e 9.ª).

Alguns jugos trazem a data ou a localidade da fabrica (vid. fig. 10.ª e 11.ª). Os fabricantes são chamados pelo vulgo *feitores*.

No Minho e Douro os jugos e cangas assentam immediatamente no pescoço do animal; noutras partes, como na Beira-Alta, etc., assentam sobre uma especie de almofada de couro forrada de lã e chamada *mulhêlha,* que pousa no pescoço

do boi. A's vezes, porém, apparecem no Porto bois com *mulhêlhas;* mas os jugos neste caso differem completamente dos usuaes e assemelham-se aos da Beira e das outras terras onde a *mulhêlha* existe.

III

Problemas suscitados a respeito da ornamentação dos jugos e cangas. Materiaes para a resolução de alguns d'esses problemas.

Conhecido o caracter agricola do paiz, e feita a classificação e distribuição geographica dos jugos e cangas, apresentam-se immediatamente os tres seguintes problemas:

1.º *Qual a significação dos ornatos?*

2.º *Porque é que os jugos e cangas assim ornamentadas se encontram unicamente á beira-mar, e, ao que parece, na limitadissima zona desde o Minho ao Douro?*

3.º *Quem foi que transmittiu esses ornatos?*

Relativamente ao 1.º problema, os ornatos podem dividir-se em *symbolos extinctos; symbolos vivos;* e *ornatos propriamente ditos*. Estudemos em separado estes diversos grupos.

A — SYMBOLOS EXTINCTOS. Nos symbolos extinctos, isto é, naquelles a que o povo não liga mais do que a significação de enfeite ou adorno, mas onde, pelo estudo comparativo, descobrimos a lembrança de antigas crenças, comprehenderemos por emquanto os seguintes:

a) *Astros*. A representação dos astros em muitos jugos é evidente, e os proprios lavradores o affirmam. Como se sabe pelas inscripções romanas (43), pelas actas dos concilios (44), pelas constituições dos bispados (45), e pelas modernas tradições populares, o culto dos astros, ou o vestigio, existe desde as mais remotas epocas no territorio modernamente chamado Portugal. Ainda hoje uma cantiga popular caracteriza o Sol, como um antigo Arya o caracterizaria:

O Sol, q'ando nasce é rei,
Q'ando se põe é morgado;
Q'ando nasce resuscita
E á noite é sepultado.

---

(43) Vid. as *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ* do sr. E. Hübner: *Soli et Lunæ*, etc.

(44) Collectio Conciliarum Hispan., Madrid 1603, concilio de Braga, LXXII.

(45) Ex. as *Const. do bispado do Porto* de 1687, liv. V, tit. 3.º, const. 3.ª

E' muito sabida a relação entre o boi e o culto astrolatico. No Rig-Veda, o Sol é o touro que governa no rebanho das vaccas celestes ou estrellas (46); e uma adivinha popular que recolhi no Minho representa o *ceu*, as *estrellas*, o *sol* e o *vento*, exactissimamente como os *Vedas*:

Campo largo,
Vaccas muitas,
Boi formoso,
Cão raivoso.

Outra adivinha que recebi do concelho de Rezende, diz:

Campo redondo.... (ceu)
Ovelhas ao longo... (estrellas)
Pastor formoso..... (sol)
Cadêllo raivoso.... (vento) (47).

emquanto que no Rig-Veda, *Indra* é um pastor de *vaccas*; quando *Vritra* lh'as rouba elle manda a cadella *Saramâ* (o vento) a procura-las (48).

---

(46) Vid. Pictet.,—*Orig. Indo-Europ.*, Paris 1863, 2.ª parte, p. 62.

(47) Vid. uma adivinha analoga recolhida pelo sr. Th. Braga na *Era Nova* p. 246. Nesta adivinha, as *nuvens* são as *vaccas*.

(48) Vid. Bréal: *Hercule et Cacus*, p. 121 etc.

Nos dolmens prehistoricos e outros monumentos archeologicos apparecem varios signaes esculpidos, analogos aos dos jugos e cangas portuguezas. Com relação aos astros representados em objectos da Noruega, Andaluzia, Galliza, consulte-se a *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* do sr. dr. Philippe Simões, pag. 107. Nos nossos monumentos prehistoricos, não me consta porém que tenham apparecido esculpturas evidentes dos astros.

Do exposto, póde concluir-se que os astros dos jugos e cangas não são meros ornatos.

b) *Coração*. O coração apparece tambem frequentemente nos jugos e cangas, com uma grande insistencia até. O emprego do coração como ornato ou como symbolo remonta á edade prehistorica da pedra. Muitos instrumentos de silex foram nelle transformados para trazer ao pescoço (49). Nos dolmens portuguezes de Monte-Abrahão e Pedra-dos-Mouros foram achados objectos sensivelmente cordiformes (50). O mesmo achado se fez na Co-

---

(49) Vid. por ex. Cartailhac: *L'âge de pierre dans les souvenirs et les superstitions populaires.*

(50) *Noticia d'algumas estaç. e mon. prehist.* por C. Ribeiro, p. 7 e 52 (Lisboa, 1880).

va-da-Estria. (51) Noutras muitas partes, como na Etruria, Scandinavia, etc, o coração apparece egualmente associado aos ornatos e aos symbolos.

As mulheres portuguezas ainda agora trazem ao pescoço corações de metal (ouro, etc.), coralina, madre-perola, etc, com cruzes, veronicas e figas.

Deante de todos esses factos e da persistencia do coração nos jugos, vê-se bem que não é sem motivo que nós o identificamos com um amuletto que numa qualquer epocha foi vivissimo, mas que actualmente tem perdida a significação.

c) *Animaes.* A classificação zoologica de todos os quadrupedes, aves e peixes que juntamente com o homem abundam nos jugos e cangas é difficil. As aves parecem ás vezes gallinhas; os peixes parecem atuns; mas o que é provavel é que o artista formasse um typo unico com caracteres de uma classe, em vez de formar separadamente individuos. Esta indeterminação nota-se com especialidade nos desenhos e gravuras infantis e primitivas.

E' curioso que as figuras de um jugo de Grijó e da Feira (fig. 9.ª e 13.ª) apresentem analogias com as que vem no livro

---

(51) Philippe Simões: *Introd. á Arch.* p. 54.

de Fergusson intitulado *Rude stone monuments in all countries* (Londres 1872, in-8.º) sob os n.os 97 e 98, é que estavam em sepulturas. D'ellas escreve o auctor: «*Throughout they preferred a strange sort of Heraldic symbolism, which still defies the ingenuity of our best antiquaries* (51). Estas figuras (da Ilha de Man) téem cruzes aureoladas (vid. os nossos jugos no Minho), inscripções runicas, aves, quadrupedes, etc.

A proposito dos peixes são elles vulgares nas moedas antigas de Hispanha (atuns) (52). Note-se que Strabão falla da abundancia de *gordos atuns* nas costas maritimas da Peninsula (53). O peixe figura em muitas religiões, como na chaldaica, assyrica e christã. Layard descreve a figura de um *rei peixe* apparecida na Assyria, e o atum foi o emblema de Bysancio (54). Num velho tempo de S. Tiago em Guimarães, o qual a tradição attribue

(51) obr. cit. pag. 273.

(52) Delgado. *Nuevo Metodo de classfic. de las moedas autonomas de España, — Sevilha 1871.*

(53) lib. III cap. II, 7.

(54) *Les temps mythologiques*—, por Moreau de Joannès, pag. 144.

a Ceres (55), está tambem um peixe gravado numa pedra da parede, exteriormente. O peixe é tambem um symbolo solar (56) e um symbolo phallico (57).

Os peixes dos jugos e cangas serão pois o vestigio de um qualquer symbolo antigo.

Convém todavia lembrar que os jugos e cangas com peixes pertencem principalmente ás localidades mais visinhas do mar, conforme temos verificado.

B — Symbolos vivos. Dos symbolos vivos ou actuaes, isto é, d'aquelles a que os lavradores prendem uma significação religiosa ou magica, temos estes:

a) *Cruz*. Se as ideias que se referem ao campo e ao boi são inteiramente pagans ou assimiladas pelo christianismo, por-

---

(55) Ao pé d'este templo está o da venerada e notavel *Senhora da Oliveira*. Ora, sendo certo que Ceres era deusa dos campos, e sendo tradicão vimaranense que a Senhora da Oliveira teve origem em Ceres, podemos ver effectivamente no culto desta deusa a razão do culto da Virgem, como aconteceu em França com *Notre-Dame des Épis* (vid. Maury, — *La Magie et l'Astrologie*, pag. 154, 4.ª ed.)

(56) Cox.: *Myth. of the Aryan nations*, Londres 1878, pag. 400 e not., etc. vol. 1.º

(57) Gubernatis: *Myth. Zoolog.* tom. 2.º pag. 360 da trad. fr.

que é que entre os ornatos, tambem não christãos, dos jugos vem implantar-se a cruz? Porque a cruz, do mesmo modo que nos monumentos phallicos, nas encruzilhadas dos caminhos, e em muitas outras partes, substitue um symbolo antigo.

Os lavradores affirmam que trazem a cruz, porque ella obsta a que o Demonio, as Bruxas e qualquer cousa má empeçam os bois. Tanto a existencia da cruz é aqui forçada, que ella não se tornava necessaria, por isso que o bafo bovino (e o signo samão) produz os mesmos effeitos.

b) *Signo samão* (*sanselimão*). O signo-samão ou polygono estrellado (fig. 12.ª *a, b, c*) é um dos maiores talismans do nosso povo. Os almocreves, marujos, etc. trazem-no no braço, como uma *tatouage;* os barqueiros pintam-no nos barcos; os lavradores gravam-no nos jugos e cangas, para, assim como a cruz, afugentar as coisas rúins.

Este signal é estranho ao Christianismo. Os pythagoricos tinham-no por divisa (58); nos monumentos medievaes da Esco-

---

(58) Hœfer, — *Histoire des Mathemat.* pag. 91, Paris 1874.

cia (59) apparece egualmente, bem como nas moedas gaulezas do tempo de Cesar (60).

O signal da fig. 12.ª *d* que existe tambem nos jugos (e em varias marcas), mas não tão vulgar como o primeiro, tenho-o visto em moedas da Turquia e em monumentos arabes. No *Magasin Pittoresque* (anno de 1854, pag. 24) vem um dezenho de brincos das orelhas, que pertence ao sec. XVI e é egual a esse signal.

A' falta de documentos não podemos levar mais longe a comparação. Do facto de o polygono estrellado apparecer nos pythagoricos, poderia concluir-se á primeira que era exacta a affirmativa de varios acutores, como Diodoro Siculo, Origenes, etc., etc., de que as doutrinas druidicas tinham sido ensinadas pela escola de Pythagoras; mas a critica historica regeita essa affirmativa. O que é provavel é que Pythagoras e os Gaulezes bebessem na mesma tradição, sem comtudo communicarem.

---

(59) Nas *mason-marks*. Vid. *Prehistoric Annals of Scotland*, pag. 446 (1863, in-8.º)

(60) *L' Art gaulois, ou les gaulois d'après leurs médailles*, por E. Hucher, Paris 1868.

c) *Custodia, hostia.* Para mim é ponto de fé que a custodia e a hostia (cf. fig. 15.ª) representam nos jugos um astro. A analogia é palpitante. O povo diz que quando nasce o Sol é preciso saudal-o porque o Sol é o SS. Sacramento. Na Beira-Alta exclamam então:

Com bem nos aches,
Com bem nos deixes.

Aproximemos estas ideias das que ficam expostas no § que tracta dos *Astros*.

C—Ornatos propriamente ditos. Estes ornatos são de muitas especies, e difficeis ás vezes de classificar. As figuras geometricas (angulos, circulos, espiraes) predominam nos monumentos da edade da pedra. Nada de estranhar que ao lado de antigos cultos se encontre uma antiga ornamentação, quando de mais a mais, numa egreja de ~~Viana~~ do Minho, segundo o sr. Martins Sarmento, existe uma ornamentação analoga á da Citania; na egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães existe outra ornamentação analoga á pre-romana de Sabroso; nos modernos vasos de barro existem enfeites parecidos com outros da epoca romana ou anterior.

Nos gorgetes ou collares das mulheres

d'aldeia ou da serra tenho visto corações e bordados muito singelos, da mesma maneira que o unico ornato das seitoiras são linhas rectas encruzadas. Estes factos podem explicar-se, porém, de dois modos: ou effectivamente por uma tradição; ou porque a Arte, na infancia ou estado rudimentar, apparece sempre do mesmo modo.

As figuras humanas, com aquelles ornatos extraordinarios, como tunicas com cordões, tambem não podemos explical-as satisfatorimente e incluimo-las nesta classe até novas investigações.

Em alguns jugos vêem-se ramos muito bem feitos. Algumas poucas vezes apparecem flôres como cravinetas ou cravos, e cyprestes. Um lavrador chamou uma vez a uma flôr dos jugos um sol, ou gyra-sol.

Entre nós reina com effeito a crença de que o gyra-sol anda conforme o sol. O proprio padre Antonio Vieira, num dos seus sermões, tão ricos de observação, de descriptivo e comparações engenhosas, diz: «Aquella flôr a que o gyro do sol deu o nome, chamada dos gregos heliotropio, immovel e com perpetuo movimen-

to, jámais deixa de seguir e acompanhar a seu amado planeta.» (61)

Não se pense que os ornatos dos jugos são sempre grosseiros. Alguns apresentam uma admiravel disposição symetrica, e um gosto artistico por vezes extremamente pronunciado. O trabalho é mesmo com frequencia esmeradissimo.

*

Relativamente ao 2.º e 3.º problemas, o facto da distribuição geographica dos jugos ornamentados (beira-mar) faz lembrar a lei dolmenica dos littoraes, ainda que fica inexplicavel o ellas apparecerem unicamente em dadas regiões. E' possivel talvez que no predominio de uma certa tribu nessas regiões se encontre algum elemento para a explicação.

Que havia certas analogias entre os symbolos e ornatos das cangas e os symbolos e ornatos prehistoricos, já nós vimos. Que a antiguidade da agricultura no nos-

---

(61) Sermões, t. I. p. 574. Vid. a nossa *Myth. Botanica* in *Vanguarda*, n.º 51. Vid. *Mytholog. des plantes* —, de Gubernatis, p. 290, (trad. fr.) t. I.

so solo se perde na noite dos tempos, ficou dito na primeira parte d'este opusculo. Poderão referir-se a uma tal antiguidade todas ou parte das tradições expostas a cima?

Deveremos até, especialisando referi-las aos nossos avós os Aryas, cuja veneração pela vacca é semelhante á veneração portugueza pelo boi?

Depois se responderá; porque, como não queremos fazer raciocinios *a priori*, ou tirar conclusões geraes de dados muito particulares, esperaremos que nos outros paizes se reunam materiaes analogos aos que acabamos de reunir no presente trabalho. Pedimos pois vivamente aos sabios empenhados no progresso da Ethnographia que não desprezem este campo de exploração.

NOTA

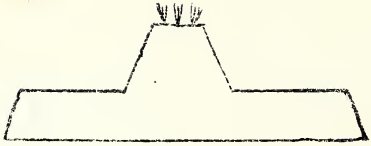
Nas poucas estampas que apresento, vae simplesmente uma parte do que ha de mais importante na ornamentação dos jugos e cangas, sob o ponto de vista ethnographico.

Apezar de nem sempre ser possivel tirar os respectivos desenhos (e uma photographia seria a maneira mais completa), observei porém um grandissimo numero de originaes para a realisação do prezente opusculo.

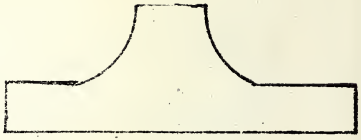
E' agora occasião de agradecer ao meu intelligente amigo, o moço academico e escriptor A. Xavier Pinheiro, pelo trabalho que teve copiando do natural todas essas figuras.

ERRATAS

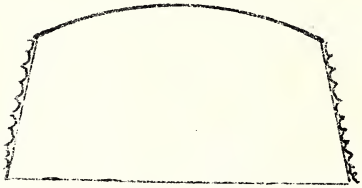
Pag. 2, lin. 4, em vez de *valuptatis* é *voluptatis*.
Pag. 7, lin. 15, em vez de *pimeira* é *primeira*.
Pag. 12, not. 9, em vez de *1850* é *1853*.



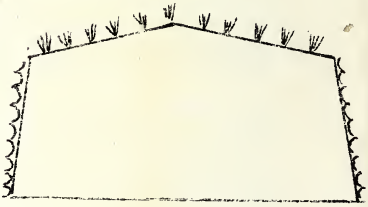
1



2

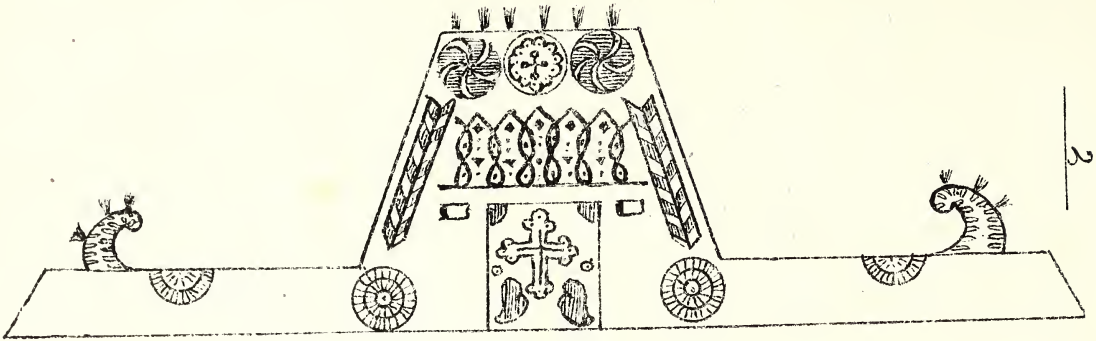


3



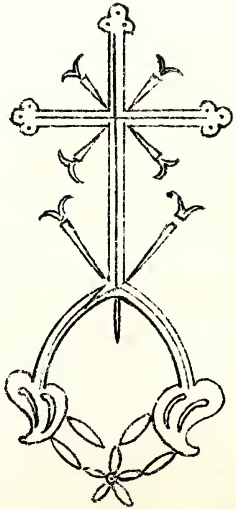
4

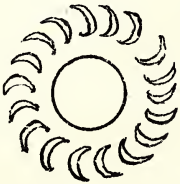
5

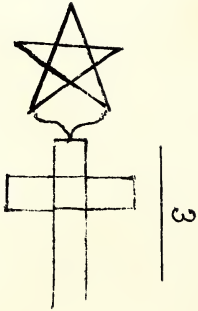


6

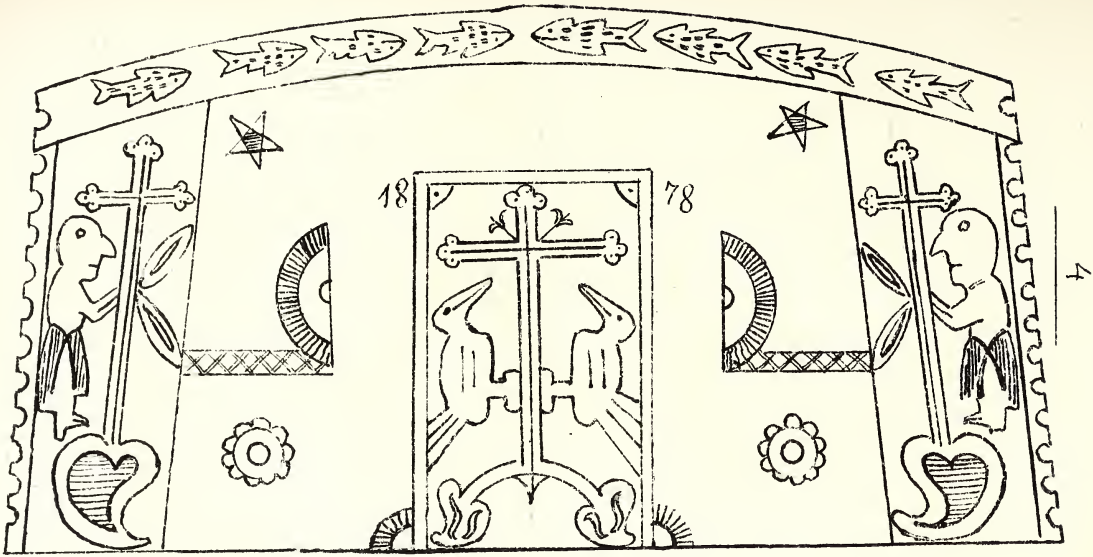
Lovroza



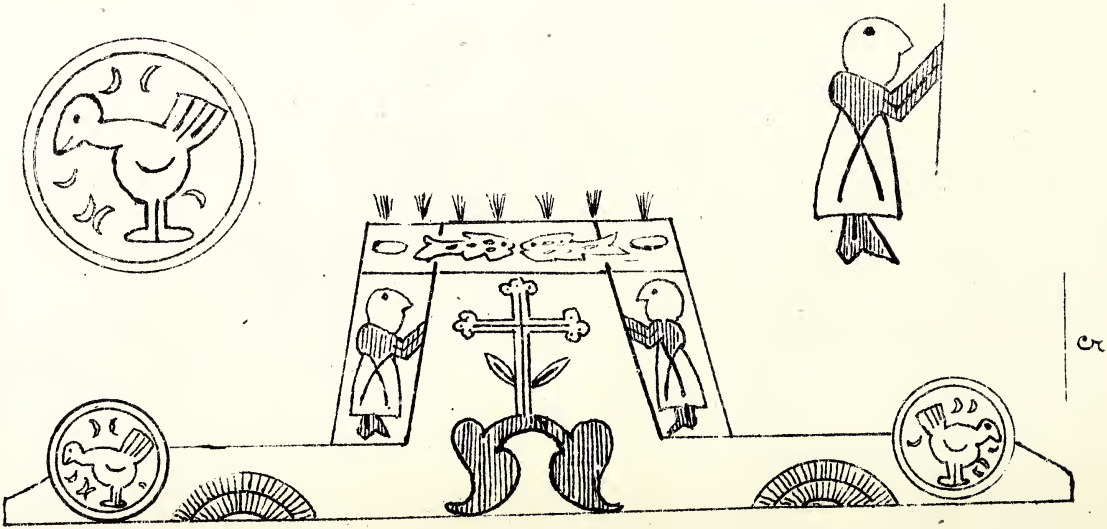




7
Gaya

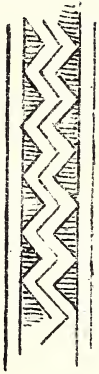


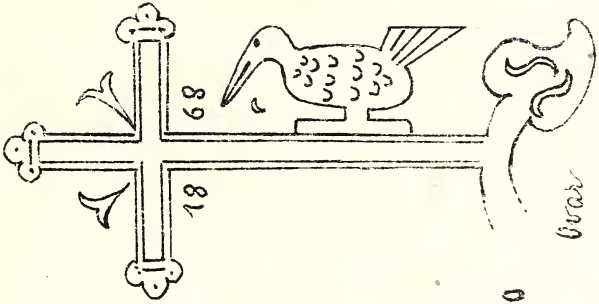
8
Ovar



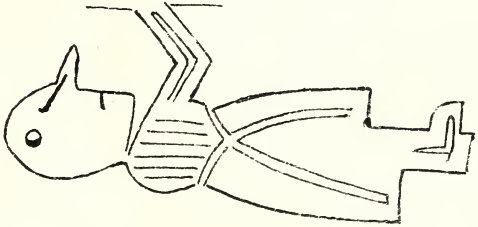
9

Feira

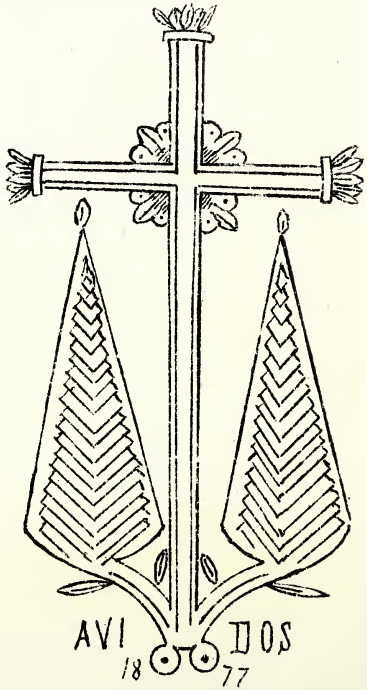


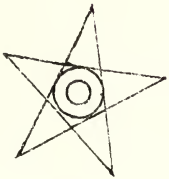


10

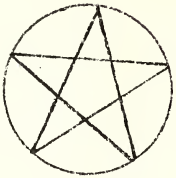


11

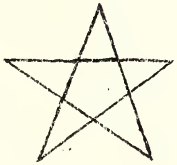




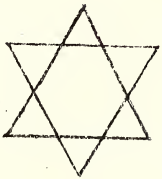
a



b



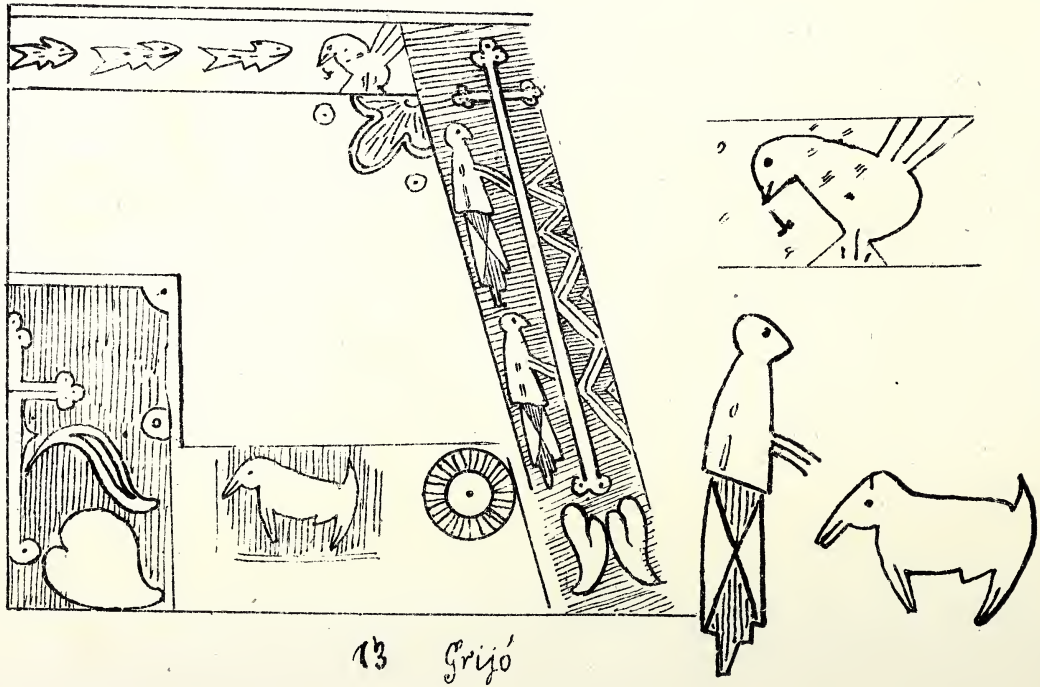
c



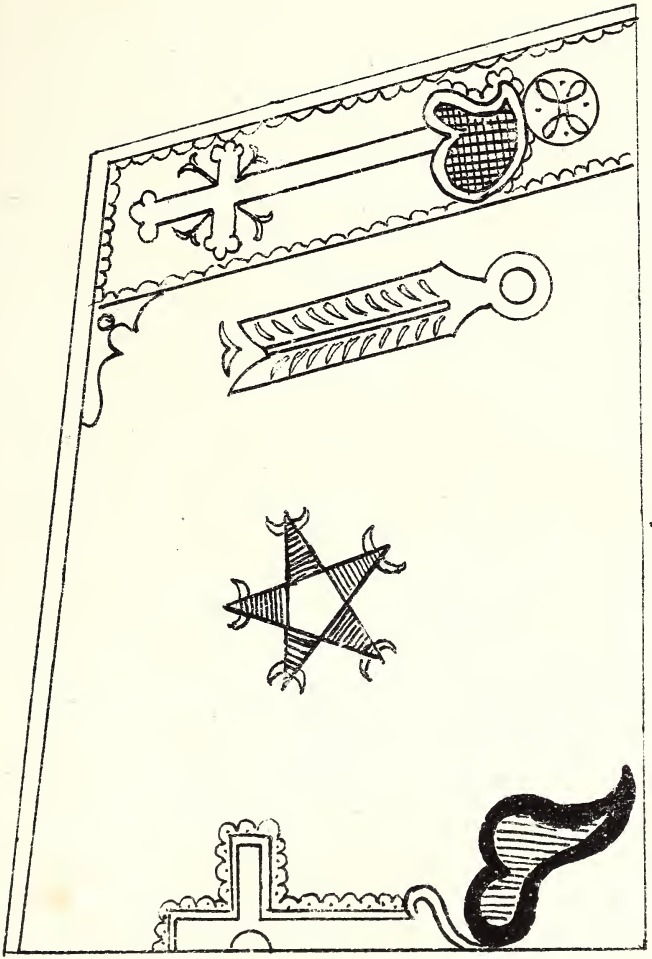
d

12

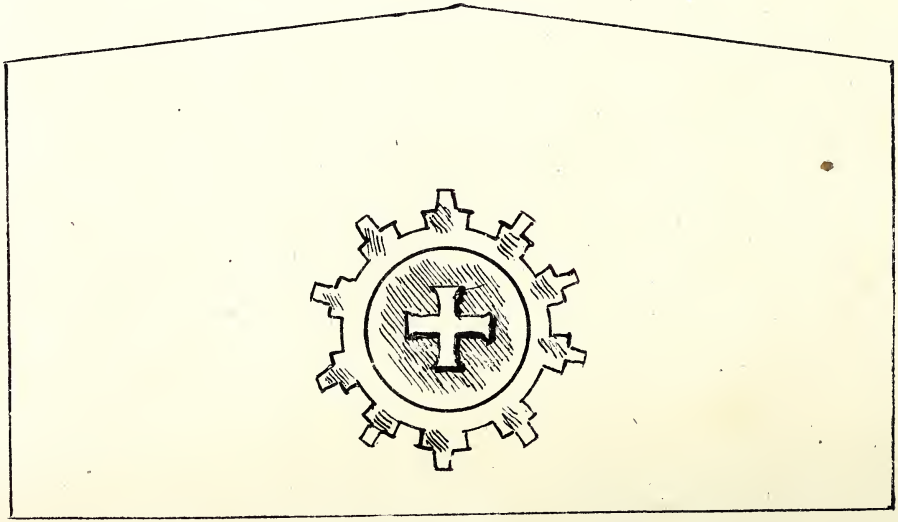
8



13 Grijó

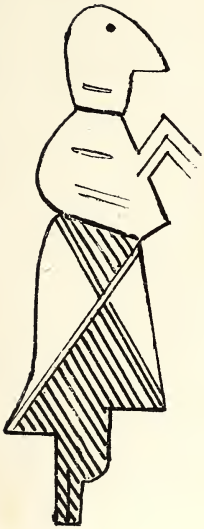


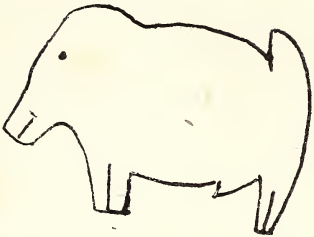
14
Aguas Santas



15

Guilhorae e Ovar

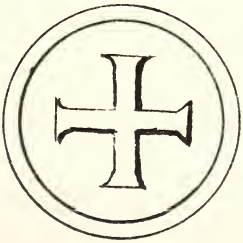


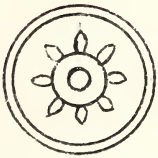


16

Grijó

Feira





91-B16055

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2893

PREÇO 200 RÉIS